

## Uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos: atijando nosso trabalho de pensar

### A ten-minute argument between two great philosophers: Poking our thinking work

Gelsa Knijnik  
gelsak@unisinis.br

EDMONDS, D.; EIDINOW, J. 2003. *O atijador de Wittgenstein: a história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos*. Rio de Janeiro, Difel, 331 p.

Wittgenstein finaliza o prefácio de *Investigações filosóficas*, datado de janeiro de 1945, dizendo não desejar, com sua obra, “poupar aos outros o trabalho de pensar, mas sim, se for possível, estimular alguém a pensar por si próprio” (Wittgenstein, 1999, p. 26). Escolhi iniciar com essa citação do filósofo a resenha do livro *O atijador de Wittgenstein: A história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos*, escrito por David Edmonds e John Eidinow, ao me dar conta de como sua leitura me havia capturado, cumprindo o desejo do filósofo de não me poupar o trabalho de pensar... Pensar sobre coisas da Educação, do ofício da escrita, que ocupam primordialmente minha vida acadêmica... Pensar sobre coisas da Filosofia, no que podem contribuir para a formulação de “boas perguntas” para o campo educacional.

Inicialmente, é preciso descrever, mesmo que brevemente, o conteúdo do livro objeto desta resenha e apresentar seus autores. David Edmonds é um renomado produtor da *BBC World Service*, tendo produzido programas em mais de 50 países, muitos deles premiados internacionalmente. Graduado em Filosofia, pela Oxford University, obteve seu PhD nessa mesma área de conhecimento, na Open University. Foi professor visitante nas universidades de Chicago e Michigan e, atualmente,

é *Research Associate* do *Oxford Uehiro Centre for Practical Ethic*, importante centro de pesquisas, fundado em 2002, vinculado à *Philosophy Faculty* da *Oxford University*. Em parceria com Nigel Warburton, David Edmonds produz *Philosophy bites* ([www.philosophybites.com](http://www.philosophybites.com)), dedicado ao debate de temas atuais da Filosofia.

John Eidinow fez sua formação em Direito na *Cambridge University* e trabalhou na *BBC World Centre*, inicialmente como diretor e produtor e, posteriormente, por 25 anos, como apresentador de documentários e programas de debates. Junto com David Edmonds, publicou *Bobby Fischer goes to war: How a lone American star defeated the soviet chess* (Edmonds e Eidinow, 2005), *Rousseau's dog: Two great thinkers at war in the age of Enlightenment* (Edmonds e Eidinow, 2006) e *Wittgenstein's poker: The story of a ten-minute argument between two great philosophers* (Edmonds e Eidinow, 2001), os dois últimos disponíveis em português, sob os títulos: *O cachorro de Rousseau: como o afeto de um cão foi o que restou da briga entre Rousseau e David Hume* (Edmonds e Eidinow, 2008) e o livro agora resenhado, cuja cuidadosa tradução mereceria somente a ressalva da não preservação, em inglês, dos nomes das instituições acadêmicas, conhecidas internacionalmente nesse idioma.

Como indica o próprio título, *O Atijador de Wittgenstein: a história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos* desenvolve-se tendo como centro o (des)encontro acadêmico ocorrido em Cambridge, mais precisamente no *King's College*, em 25 de outubro de 1946, como parte das atividades desenvolvidas pelo *Moral Sciences Club* – um grupo de discussão filosófica dessa universidade. A entidade, presidida então pelo Professor Ludwig Wittgenstein (1889-1951) – considerado um excêntrico e brilhante filósofo –, tinha como orador convidado, naquela sessão, o Dr. Karl Popper (1902-1994), um filósofo da ciência que trabalhava na renomada *London School of Economics*. Os dois filósofos tinham suas vidas estreitamente vinculadas à Viena do fim do século XIX e primeira metade do século XX, onde nasceram e construíram suas trajetórias no campo da Filosofia. Popper fora convidado para apresentar, naquela sessão, suas considerações em torno da questão: “Existem problemas filosóficos?”, frente a uma plateia composta por estudantes e professores, entre os quais Wittgenstein e Bertrand Russell (1872-1970) – renomado filósofo (cujo pensamento influenciara fortemente Popper e Wittgenstein) e também um ativista político em torno de questões da paz, num período histórico marcado pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Essa foi a única vez em que os três grandes filósofos – Russell, Popper e Wittgenstein – estiveram juntos. E até hoje não se está de acordo sobre o que aconteceu exatamente. O que se evidencia é que houve uma veemente troca de palavras entre Popper e Wittgenstein sobre a natureza essencial da filosofia – se os problemas filosóficos realmente existem (Popper) ou se são apenas “perplexidades” (Wittgenstein) (Edmonds e Eidinow, 2003, p. 13).

A trama do livro é tecida com as múltiplas – e nem sempre convergentes – narrativas sobre o ocorrido naqueles dez minutos em que dois grandes filósofos de seu tempo se defrontaram. O próprio Popper, na obra que, em edição brasileira, recebeu o título “Autobiografia Intelectual” (Popper, 1977), apresentou sua descrição do episódio. Como escrevem os autores de *O atijador*:

Popper lembra que Wittgenstein “brincava nervosamente com o atijador”, manejando-o “como uma batuta, para reforçar suas afirmações”, e que, quando surgiu uma pergunta sobre o status da ética, Wittgenstein desafiou-o a dar um exemplo de regra moral. “Eu disse: ‘Não ameaçar palestrantes com atijadores’. Ao que Wittgenstein, num acesso de raiva, jogou o atijador no chão e se retirou da sala, batendo a porta” (Edmonds e Eidinow, 2003, p. 14-15).

O excerto acima é elucidativo da forma que tem sido descrito o modo como Wittgenstein lidou com sua vida

pessoal e acadêmica, o que, ao longo da obra, é reiteradamente exemplificado, correspondendo, segundo Edmonds e Eidinow, à narrativa hegemônica sobre o episódio daquele outubro de 1946. O livro, no entanto, não se restringe somente a ela. Apoiado em um amplo conjunto de fontes – que incluem entrevistas com participantes daquela sessão – coloca em tensão essa e outras descrições do que ali teria ocorrido, o que se constitui, a meu ver, em um de seus méritos. Não há a preocupação em estabelecer, ao fim e ao cabo, qual seria “a” verdade sobre aquele encontro filosófico, a quem “deveria” ser atribuída a posição de “vencedor” da disputa, mesmo que os autores, nas entrelinhas de seu livro, me pareceram ter, em termos filosóficos, uma especial sintonia com as posições wittgensteinianas.

A análise que até aqui empreendi de *O atijador* poderia sugerir que o livro, em suas 331 páginas, teria ficado restrito à discussão daquela sessão acadêmica. Efetivamente, não é disso que se trata. Sua leitura nos leva à Viena do fim do século XIX e primeira metade do século passado, cuja vida social, política, cultural e econômica é pincelada com muitos matizes, o que nos permite ver os pontos de contato e também os distanciamentos existentes entre a Viena de Wittgenstein e a de Popper. O primeiro era filho de uma das mais abastadas famílias europeias, cujo palácio era frequentado por músicos como Mahler e Richard Strauss, dando “continuidade à nobre tradição dos grandes grupos vienenses que consideravam ser sua obrigação patrocinar a arte e os artistas” (Edmonds e Eidinow, 2003, p. 97). Popper era filho de um advogado cuja biblioteca “reunia dez mil livros, e seu hobby era traduzir para o alemão os clássicos gregos e romanos. Tinha a preocupação com os sem-teto, e por isso participava de comitês destinados a arranjar habitação para os trabalhadores pobres” (Edmonds e Eidinow, 2003, p. 95).

Mas Edmonds e Eidinow dedicam-se, de maneira exemplar, a mostrar como a Viena de Wittgenstein e a de Popper daquela época estavam marcadas pelas ideias de Hitler e o do Holocausto. Pertencendo os dois filósofos a “famílias judias assimiladas, da cidade mais assimilada da Europa” (Edmonds e Eidinow, 2003, p. 105), servindo-se de uma vasta literatura e de documentos históricos (como o fac-símile da carta de Popper em protesto ao Livro do Ano Judeu, apresentado na página 104), os autores conseguem descrever, de modo original e profundo, as tensões daquele momento histórico europeu, entrelaçando-as com as vidas cotidianas dos dois filósofos, com os dramas vividos por eles e seus familiares e como, cada um a seu modo, conseguiu sobreviver e chegar a estar em Cambridge, naquela noite de outubro de 1946. Os quatro capítulos do livro

dedicados a isso têm muito a nos ensinar sobre a arte da escrita, sobre os modos de usar as palavras para construir um texto primoroso, concebido com tanta maestria que torna invisíveis, ao leitor, os alicerces de que se serviu para dar conta de seus propósitos.

E o que dizer de *O atizador* quanto ao tratamento dado à Filosofia? Por estar, sobretudo, interessada em servir-me de ferramentas filosóficas para pensar questões do âmbito da Educação, apreciei a visão panorâmica e, a meu juízo, correta, do que os autores apresentam sobre os percursos intelectuais de Wittgenstein e Popper, a influência de Bertrand Russell em seus respectivos percursos e a relação da produção filosófica de cada um deles com o Círculo de Viena de filósofos do positivismo lógico. A bibliografia apresentada no final do livro, abarcando um significativo número de obras filosóficas pesquisadas, e as muitas citações feitas ao longo dos capítulos (mesmo que desacompanhadas de suas referências) indicam a seriedade e abrangência do que os autores realizaram para subsidiar a escrita de *O atizador*. Os temas do campo filosófico ali presentes são, até certo ponto, pouco desenvolvidos. E não poderia ser diferente: uma discussão aprofundada de questões de tamanha complexidade exigiria, por assim dizer, o acréscimo de muitos capítulos, constituindo-se, em um outro livro. Portanto, não se pode esperar de *O atizador* uma “aula de Filosofia”, em seu sentido estrito. Mas, inegavelmente, a abordagem histórico-filosófica dessa obra, caracterizada, por seus autores, como sendo “centralmente, uma estória de detetive”, tem muito a nos ensinar sobre os caminhos trilhados pelo pensamento filosófico europeu do início até meados do século passado. O que certamente não é pouco.

Finalizo esta resenha com um comentário de Oests Kolk Bouwsma sobre uma de suas conversas com Wittgenstein, ocorrida no *Smith College*, quatro anos após aquela memorável sessão do *Moral Sciences Club* na qual Popper foi o orador:

Perguntei a ele [...] se ensinar consiste em lançar pistas. Duvidou por um momento. Distinguiu entre boas e más pistas, e logo assinalou que somente se oferecem pistas aos que andam em busca de algo, aos que estão dispostos a seguir uma pista com fervor. Perguntei-lhe, então, se para a busca da filosofia fazia falta algum dom especial. Ele estava seguro de que, em princípio, não: o que fazia falta era um apaixonado interesse e que este não decaísse... Um filósofo é alguém que tem a cabeça cheia de sinais de interrogação (Wittgenstein e Bouwsma, 2004, p. 68).

de pensar”, “um apaixonado interesse”, deixando nossa “cabeça cheia de sinais de interrogação”.

## Referências

- EDMONDS, D.; EIDINOW, J. 2001. *Wittgenstein's poker: The story of a ten-minute argument between two great philosophers*. Londres, Faber e Faber, 288 p.
- EDMONDS, D.; EIDINOW, J. 2005. *Bobby Fischer goes to war: How a lone American star defeated the soviet chess*. Londres, Faber e Faber, 384 p.
- EDMONDS, D.; EIDINOW, J. 2006. *Rousseau's dog: Two great thinkers at war in the age of Enlightenment*. Londres, Faber e Faber, 320 p.
- EDMONDS, D.; EIDINOW, J. 2008. *O cachorro de Rousseau: como o afeto de um cão foi o que restou da briga entre Rousseau e David Hume*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 383 p.
- POPPER, K. 1977. *Autobiografia Intelectual*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 263 p.
- WITTGENSTEIN, L. 1999. *Investigações filosóficas*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 207 p.
- WITTGENSTEIN, L.; BOUWSMA, O.K. 2004. *Últimas conversaciones*. 2ª ed., Salamanca, Ediciones Sígueme, 190 p.

Submetido em: 12/03/2009

Aceito em: 12/03/2009

Seguindo Wittgenstein, ousaria dizer que a leitura de *O atizador* possibilitaria que nos tornássemos um pouco filósofos, pois sua leitura atiza nosso “trabalho